

O processo educativo e o brincar na educação infantil

*Crizieli Silveira Ostrovski*¹

RESUMO: O artigo desenvolve o tema do processo educativo e o brincar na pré-escola, relacionando-o ao cuidar e à ação pedagógica. Demonstra que o professor ao desenvolver suas atividades pedagógicas pode utilizar-se do brincar e/ou de jogos simbólicos. Estes auxiliam no desenvolvimento da autonomia, da criatividade e do imaginário e também estimulam a aquisição de regras sociais. A pré-escola tem a função de cuidar e educar e seu ambiente tem um importante papel, sendo necessário organizá-lo para que atenda às necessidades da criança.

PALAVRAS-CHAVE: brincar; cuidar; pré-escola; infância.

ÁREA: Educação.

¹ Pedagoga pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Mestranda em educação pela Universidade do Oeste Paulista (UNOESTE). Professora do Curso de Pedagogia da Faculdade União das Américas - UNIAMÉRICA. E-mail: crizieli@uniamerica.br

INTRODUÇÃO

Ao desenvolver o tema brincar na Educação Infantil, precisa-se ter clara a concepção de criança, ou seja, um sujeito social, com características e necessidades definidas historicamente. Compreende-se assim a pré-escola enquanto instituição com a função de atender às necessidades e desenvolver um trabalho para formação desse sujeito histórico (OLIVEIRA, 2002).

Na LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação) n. 9.394 de 20 de Dezembro de 1996, na Seção II, no art. 29., a finalidade da educação infantil é o desenvolvimento integral da criança, nos aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

Segundo Wajskop (2001), a partir das idéias de Comenius, Rousseau e Pestalozzi, estrutura-se o sentido de infância, entre os anos de 1593 a 1746. Continuando entre 1782 e 1932 tem-se Fröebel, Montessori e Decroly. Além destes, também Wallon e Vygotsky, contribuindo, assim, para a práxis do processo educativo escolar presente na sociedade.

Descrevendo a educação pré-escolar, Kaercher e Craidy (2001, p. 16) dizem que a educação da criança pequena envolve dois processos: o de cuidar e o de educar. Os autores comentam que

as crianças desta faixa etária, [...] têm necessidade de atenção, carinho, segurança, sem as quais dificilmente poderiam sobreviver. Simultaneamente [...] tomam contato com o mundo que as cerca, através de experiências diretas com as pessoas e as coisas deste mundo e com as formas de expressão que nele ocorrem [...].

Assim o cuidar direciona para os cuidados primários, como higiene, sono, alimentação, organização do ambiente, entre outras.

No Educar, segundo Referencial Curricular Nacional para a educação infantil, é importante

[...] propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança, e o acesso, pelas crianças, aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural. Neste processo, a educação poderá auxiliar o desenvolvimento das capacidades de apropriação e conhecimento das potencialidades corporais, afetivas, emocionais, estéticas e éticas, na perspectiva de contribuir para a formação de crianças felizes e saudáveis.

Neste processo de interação com o mundo é que a criança estabelece experiências sócio-históricas. Um *mecanismo* é a brincadeira, recriando e assimilando a experiência sócio-cultural.

Wajskop (2001, p. 25), afirma que

essa definição de brincadeira, como atividade social específica e fundamental que garante a interação e construção de conhecimentos da realidade pelas crianças, é que faz estabelecer um vínculo com a função pedagógica da pré-escola.

Portanto, o brincar e/ou jogo simbólico ou faz de conta é um instrumento para o professor em sua ação pedagógica. Segundo Oliveira (1995), esta atividade abre caminho para a autonomia, a criatividade, a exploração de significados, a imaginação e a aprendizagem de regras sociais. Assim, há uma interligação entre afeto, motricidade, linguagem, percepção, representação, memória, entre outras funções cognitivas. Além disso, favorece a compreensão de características de objetos e seu funcionamento, compreensão dos acontecimentos sociais e percepção de diferentes perspectivas de uma situação.

O JOGO E A CRIANÇA

Ao realizar o jogo a criança poderá estar afirmando valores sociais e culturais. Assim, o professor deve buscar integrar cuidado e educação em ações educativas que levem em conta o desenvolvimento infantil e a cultura de origem de cada criança.

O ambiente em sala de aula é muito mais do que um lugar para armazenar livros, mesas e materiais. Cuidadosamente e organizadamente disposto, acrescenta uma dimensão significativa à experiência educativa do estudante, atraindo o seu interesse, oferecendo informações, estimulando o emprego de destrezas, comunicando limites e expectativas (ZABALZA, 1998, p. 237).

Para Oliveira (2000), a criança estará exercitando relações de convivência e internalizando regras sociais para, mais tarde, brincar com outras crianças, aprendendo a ceder e a compartilhar.

É importante identificar algumas características no processo de desenvolvimento referentes à faixa etária. Portanto, por volta de um ano e meio aos três anos Kaercher e Craidy (2001), indicam que a criança inicia imitando a si mesma, como fingir que está dormindo ou comendo, em seguida irá refletir suas ações em bonecos, manipulando bonecas ou bichos de pelúcia. Por exemplo, ao realizar a ação de dar mamadeira para o ursinho de pelúcia ela estará vendo suas ações sendo realizadas pelos objetos e ao estar distante poderá compreendê-las e assimilá-las.

Depois, a criança irá utilizar-se de modelos próximos a ela, como os pais, os avós, a professora, os tios, ou seja, pessoas do seu convívio e consecutivamente irá ampliando seus modelos para o vizinho, o carteiro, o guarda de trânsito e outros adultos. Um exemplo desse jogo simbólico é quando a criança brinca com uma colher fingindo que é o telefone, brinca de mamãe e filhinha.

Dos dois anos aos três a brincadeira irá se caracterizar pela utilização do corpo todo, dessa forma ela assume os papéis, imitando vozes, gestos e outras ações. Todavia ela não será

totalmente fiel, por não se limitar à cópia, por estar buscando afirmação de si mesma.

A partir dos três anos surgem com maior complexidade a estruturação de cenas inteiras. Nesses momentos são criados monólogos e ela assumirá diferentes papéis dedicando tempo à brincadeira e organização destes cenários.

Cabe à escola, com base em sua estrutura organizacional, montar um currículo que na orientação do trabalho educativo deva respeitar a infância, captá-la na complexidade de sua cultura, com sua pluralidade de características (Kaercher e Craidy, 2001).

Neste contexto, o professor pode organizar um ambiente para propiciar o desenvolvimento cognitivo e social da criança, realizando mediações para o aprendizado.

Para tal, Oliveira (1995) propõe um ambiente escolar que atenda cinco funções básicas ao desenvolvimento infantil e assim promover: identidade pessoal, desenvolvimento de competências, oportunizar crescimento, sensação de segurança e confiança, contato social e privacidade. Sendo que:

Na **identidade pessoal** a sala de aula deve propiciar a identificação, com objetos, brinquedos, lugares entre outros.

Já no **desenvolvimento de competências**: organizar um ambiente que favoreça o seu domínio sobre o mesmo, como tomar água, jogar o lixo, acender e apagar as luzes, acesso ao lugar dos materiais, roupas e toalhas.

Todavia, o caminho para estes lugares deve ser planejado para não causar congestionamento e distração e/ou a interrupção de atividades.

Para **oportunizar crescimento**, o ambiente escolar deve favorecer a oportunidade de interação, ou para que a criança possa tentar e falhar e tentar novamente, por exemplo, com o uso de colchonetes de vários tamanhos e texturas.

A **sensação de segurança e confiança** pode se relacionar na variação de estímulos. Contudo, mudanças bruscas podem fazer com que a criança se sinta ameaçada e desorientada.

No **contato social e privacidade**: alternar o contato da criança com grupos grandes e pequenos e em certos momentos possibilitar a individualidade.

O professor deve ter claro que a criança entre zero e três anos está explorando o meio a partir do adulto. Wajskop (2001) destaca que o berço é o referencial seguro para o bebê, e este deve conter objetos, como móveis que transmitam segurança à criança e ao mesmo tempo, funcionem como estímulo. O professor poderá utilizar também pulseira sonora em seu braço, para estimular a criança. Pérez Ramos (2000) afirma que esta atividade auxilia nos estímulos corporais.

Silva e Hoffmann (1995) completam, destacando que a criança de 4 a 12 meses gosta de ouvir histórias principalmente quando o professor mostra as ilustrações de animais e objetos. Destacam ainda que a alternância entre ambientes fechados e abertos estimula o bebê.

É fundamental que existam espelhos para a criança estar se identificando. É importante que o cuidador a estimule a reconhecer-se. Assim a atividade de pintar o nariz, colocar a mão na orelha, na boca, auxilia no desenvolvimento.

Deve-se estar a todo o momentos, conversando com o bebê, identificando as ações que estão sendo realizadas. Assim se transmite segurança e ele começará a interiorizar as ações. Por exemplo: no momento da troca da fralda ou da roupa da criança, em seguida, estimular a criança a sentar e depois a levantar ficando em pé.

Martins (1998), ressalta que existe a possibilidade de se organizar o berçário com colchonetes, caixas vazadas e móveis pequenos. Desta maneira o cuidador e o bebê podem observar tudo, auxiliando na segurança de ambos. A organização de cantos

diversos favorece o desenvolvimento e a aprendizagem. Destacam-se, a seguir, alguns brinquedos que podem ser utilizados de acordo com a faixa etária para favorecer o desenvolvimento infantil.

Meses/Idade	Objetos
Zero a 4 meses	Quadrinhos de animais; Móviles de fitas e animais; Chocalho; Bichinhos; Pulseira e tornozeleira sonoras.
4 a 8 meses	Quadrinhos de animais; Móviles de fitas e animais; Chocalho; Bichinhos; Pulseira e tornozeleiras sonoras; Tapete com desenhos de figuras; Quadrinhos de animais.
8 a 12 meses	Jogos de argolas; Caixas supresas; Jogos de cubo; Colher e prato.
1 a 2 anos	Jogos de espelho; Fantoches; Painéis coloridos.

Fonte: Pérez-Ramos, Aidyl M. de Queiroz (2000, p. 38).

O professor deve estar, a todo o momento, refletindo sobre a prática baseando-se em pesquisas, buscando um bom referencial para realização dessa prática. Acima de tudo desenvolver o bom senso, direcionando sua ação e interação com a criança.

Hoje temos a influência da televisão que se tornou uma babá eletrônica, influenciando as ações das crianças em determinados momentos, como cita Ghiraldelli (2000), tornando-as consumidoras, que interiorizam valores, através de imagens como Xuxa e similares, os heróis de TV, as danças e as brincadeiras. O professor tem que diretamente lidar com essa situação, para interagir e estar direcionando para não reforçar este consumismo na criança.

Paulo Freire (2004) destaca em seu livro *Pedagogia da Autonomia* que o professor pode ampliar as fontes de saberes e manter uma postura vigilante sobre sua prática, ou seja, refletir de forma crítica para rever a relação entre teoria e prática.

Portanto, busca-se ter uma postura criadora, de inquietude, curiosidade, humildade, persistência e investigação. Características a tentar enquanto profissional da educação são a de saber ouvir, estar disposto ao diálogo e troca de experiências e principalmente querer ser educador.

CONCLUSÃO

Nos primeiros anos de vida a criança desenvolve as capacidades de relação interpessoal, de aceitação, respeito, confiança e, também, acontece o conhecimento amplo das relações sociais, tornando importante a intervenção pedagógica do professor para auxiliar no seu crescimento intelectual. Para isso, deve-se estar organizando o ambiente escolar, a sala de aula, favorecendo as formações cognitivas, sociais, entre outras.

Um momento importante para o desenvolvimento das relações faz-se no brincar e/ou jogo simbólico, acontecendo a interação e construção de conhecimentos das relações sociais. Ao realizar a intervenção, o professor pode proporcionar momentos para o desenvolvimento de autonomia, criatividade, imaginação e também aprendizagem de regras sociais.

Portanto, a atuação direcionada do professor na identidade pessoal, no desenvolvimento de competências, bem como o ambiente escolar da criança, deve proporcionar a sensação de segurança e confiança em conjunto com o contato social e momentos de privacidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, Ministério da Educação. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 29. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

GHIRALDELLI JR, Paulo. **Didática e teorias educacionais**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

KAERCHNER, Gládis; CRAIDY, Carmem. **Educação infantil**: pra que te quero? Porto Alegre: ART MED, 2001.

MARTINS, P. L. O. Didática teoria/prática: para além do confronto. São Paulo: Loyola, 1998.

PÉREZ-RAMOS, Aidyl M. de Queiroz. A criança pequena e o despertar do brincar: primeiros dois anos de vida. In: OLIVEIRA, Zilma Moraes Ramos de. (org.). **O brincar e a criança do nascimento aos seis anos**. 2. ed. Petrópolis, R.J: Vozes, 2000.

OLIVEIRA, Zilma Moraes Ramos de. **Educação infantil**: muitos olhares. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

_____. **Educação infantil**: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. et al. **Creches**: crianças faz de conta e cia. 8. ed. Petrópolis, R.J: Vozes, 1992.

_____. (org.). **O brincar e a criança do nascimento aos seis anos**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde et al. **Os fazeres na educação infantil**. São Paulo: Cortez, 1998.

SILVA, Maria Beatriz G. da; HOFFMANN, Jussara (coord.). **Ação educativa na creche**. Porto Alegre: Mediação, 1995.

WAJSKOP, Gisela. **Brincar na pré-escola**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

ZABALZA, Miguel A. **Qualidade em educação infantil**. Trad. Affonso Neves. Porto Alegre: Artmed, 1998.

